

**Luís Bigotte Chorão**

# **ASILO POLÍTICO EM TEMPOS DE SALAZAR**

**Os casos de Humberto Delgado  
e Henrique Galvão**



## Índice

Nota introdutória . . . . .	7
Lisboa, Janeiro de 1959 . . . . .	9
Humberto Delgado asilado na Embaixada do Brasil . . . . .	19
Precedentes: o caso dos asilados integralistas de Martinho Nobre de Melo . . . . .	45
Outros precedentes . . . . .	48
Uma prolongada situação de impasse . . . . .	52
Uma diligência de Paulo Cunha a partir de Caracas . . . . .	69
A encruzilhada no Rio do embaixador Manuel Rocheta. . . . .	76
Uma página da campanha do governo português contra Lins. . . . .	79
Prisão, calvário e fuga de Henrique Galvão . . . . .	81
Henrique Galvão asilado na Embaixada da Argentina . . . . .	118
Os embaixadores asilantes: Álvaro Lins e Ernesto Mairal . . . . .	120
Os casos Delgado e Galvão nas chancelarias. . . . .	145
Delgado a caminho do Rio de Janeiro. . . . .	183
Depois de Delgado... Galvão . . . . .	189
Henrique Galvão em Buenos Aires . . . . .	196
Outros asilados . . . . .	211

A questão do asilo diplomático . . . . .	218
O memorando das Necessidades sobre o direito de asilo . . . . .	237
Asilo em Timor . . . . .	240
Ainda o Tratado de Amizade e Consulta... e o direito de asilo	251
O ex-embaixador Álvaro Lins toma posição . . . . .	266
Uma vaga de asilos . . . . .	272
Ditadura militar no Brasil e direito de asilo: uma nova fase nas relações luso-brasileiras? . . . . .	277
Anexos . . . . .	283
Índice Onomástico . . . . .	327

## Nota introdutória

O presente estudo teve origem numa comunicação, que, a convite da minha colega Heloísa Paulo, apresentei em tempos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sobre o pedido de asilo que o capitão Henrique Galvão dirigiu ao embaixador da Argentina em Portugal, Ernesto Pablo Mairal, em Fevereiro de 1959.

O contacto com os fundos documentais do notável Arquivo Histórico Diplomático acabou por me sugerir uma investigação mais alargada, que tivesse em consideração não apenas aquele caso, mas também, muito em particular, o pedido de asilo que o antecederá, apresentado pelo general Humberto Delgado ao embaixador do Brasil Álvaro Lins em Janeiro daquele mesmo ano.

A disponibilidade dos colaboradores do Arquivo Histórico Diplomático e do Arquivo Histórico do Ministério da Justiça, que desejo assinalar e a quem agradeço reconhecidamente, facilitou a investigação em domínio inexplorado pela historiografia. Agradecimentos são devidos também a todos quantos atenderam as nossas solicitações na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional de Portugal.

Centrado o presente estudo em fontes primárias colhidas nos arquivos de Portugal, seria interessante que um dia a investigação sobre em geral o tema do asilo político pudesse ser alargada, desde logo aos arquivos diplomáticos do Brasil e da Argentina.

À publicação deste estudo fica ligado de uma maneira muito particular o gratíssimo contacto com a Dra. Nelida Beatriz Mairal, filha do embaixador Ernesto Pablo Mairal – estabelecido inicialmente através de seu sobrinho, o consagrado escritor Pedro Mairal –, que não

apenas se dispôs a comunicar-me as suas memórias do caso, já que à data do pedido de asilo do capitão Galvão se encontrava em Lisboa a acompanhar seus Pais, como me esclareceu um conjunto de dúvidas importantes. E mais, autorizou-me generosamente, com seu irmão, o Prof. Hector Mairal, a quem igualmente agradeço, a publicação de um conjunto de correspondência inédita, que constitui valioso anexo desta publicação.

Desejo ainda renovar os meus agradecimentos a Rita Morais, pelo seu profissionalismo e disponibilidade.

Ao meu colega Francisco Teixeira da Mota, biógrafo de Henrique Galvão, fiquei a dever informações relevantes e a disponibilização de uma cópia fotográfica de Galvão na Plaza de Mayo, em Buenos Aires, que consta do extratexto. Foram-me igualmente muito uteis os esclarecimentos que amavelmente me prestaram o coronel Manuel Pedroso Marques e o professor Frederico Delgado Rosa, biógrafo do general Humberto Delgado.

Agradeço a José Pacheco Pereira o acesso que me concedeu ao espólio de Henrique Galvão, que se encontra na sua Biblioteca e Arquivo, e foi parcialmente divulgado no sítio da EPHEMERA, associação cultural à qual pertence.

Estou muito grato à Edições 70 por ter acolhido a publicação deste estudo, muito em especial à editora, Suzana Ramos, com quem tive o maior gosto em trabalhar nesta edição.

Lisboa, Agosto de 2019

LUÍS BIGOTTE CHORÃO

## Lisboa, Janeiro de 1959

Corriam os primeiros dias de 1959 quando o general Humberto Delgado tomou a decisão de solicitar asilo na Embaixada do Brasil em Lisboa, o que ocorreu a 12 de Janeiro. O capitão Henrique Galvão formularia idêntico pedido na representação diplomática da Argentina, a 17 de Fevereiro seguinte.

Esses pedidos de asilo transformaram-se naturalmente em acontecimentos políticos de primeira ordem, desde logo pelas suas repercussões internacionais, ou não fossem deles protagonistas duas personalidades que as vicissitudes da política interna tinham já projectado por maus motivos nos meios diplomáticos e na opinião pública<sup>(1)</sup>.

O general Delgado acabara de sair de um confronto violento com o regime, a campanha presidencial de 1958<sup>(2)</sup>, e o capitão Galvão andava a ser arrastado de prisão em prisão havia cerca de sete anos, «reduzido a uma sombra numa enfermaria, isolado e espicaçado, como para fazerem dele uma sombra — uma sombra demente»<sup>(3)</sup>.

O ambiente era de alta tensão política. O bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, endereçara, a 13 de Julho de 1958, a sua célebre

---

(1) A este respeito, Luís Nuno Rodrigues, «“Um Primeiro passo em direcção à Liberdade”: o *The New York Times* e o General Humberto Delgado», in AAVV, *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Coordenação de Iva Delgado, Carlos Pacheco e Telmo Faria, Prefácio de Fernando Rosas, Lisboa, Vega, 1998, págs. 441–444, com referência à série de notícias publicadas no mundialmente influente *The New York Times* sobre os pedidos de asilo do general Delgado e do capitão Galvão.

(2) Para a compreensão do clima emprestado à campanha eleitoral pelo «situa-cionismo», *Discurso proferido pelo Dr. Tito Arantes na sessão de propaganda eleitoral promovida pela União Nacional no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, no dia 4 de Junho de 1958*, Lisboa, Gráfica Boa Nova Lda., 1958

(3) Assim se lia no carioca *Diário de Notícias*, de 14 de Janeiro de 1959.

carta/memorando ao presidente do Conselho<sup>(4)</sup>. Um conhecido polemista, Manuel Anselmo, encarregou-se de projectar, ainda mais, os efeitos políticos da missiva, muito adversos ao regime. E para isso contribuiu o tom e o conteúdo da crítica que desferiu ao bispo, desenvolvendo o tópico da associação da carta ao momento político. Manuel Anselmo referiu-se aos «equivocos quase socialistas» que dizia alucinarem o entendimento do prelado «anti-situacionista», e aludiu a perigos, «nomeadamente de perseguição religiosa», que a vitória de Delgado, a ter-se verificado, comportaria para a própria Igreja católica, acusando D. António de pregar ao país, «através de asserções violentas e injustas, o ódio e o combate a Salazar»<sup>(5)</sup>.

Do exterior, em concreto do Brasil, a perspectiva era a de que estava a delinear-se uma «séria crise» entre a Igreja e Salazar, considerada mesmo a realidade «mais sensacional» do processo de «decomposição do regime»<sup>(6)</sup>.

À tomada de posição de D. António, seguiu-se, a 8 de Dezembro, uma cerimónia evocativa da Imaculada Conceição, na Sé de Lisboa, presidida pelo cardeal-patriarca Gonçalves Cerejeira, tendo sido notada a ausência de membros do governo, sugerindo-se que a Igreja portuguesa estava condenada a «rezar os responsos sobre o túmulo político de Salazar»<sup>(7)</sup>.

(4) Sobre a carta/memorando, José Barreto, «Bispo do Porto, Caso do», in *Dicionário de História de Portugal*, Coordenação de António Barreto/Maria Filomena Mónica, vol. VII, Supl. A–E, Porto, Figueirinhas, 1999, págs. 184–187 e bibliografia aí citada.

(5) Manuel Anselmo, *Sobre a declaração de voto de Sua Ex.ª Reverendíssima o Bispo do Porto*, Lisboa, Edição de «Os Cadernos de Manuel Anselmo», 1958, *passim*. Ainda [Agostinho Veloso], *Direcção Perigosa!, Reflexos da carta do Bispo do Porto*, Lisboa, 1959.

(6) *Diário de São Paulo*, de 19 de Dezembro de 1958. Recorde-se que no ano anterior o bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende, já conhecido como adversário do regime, tomara posição muito crítica em relação à política ultramarina e em particular à actuação do ministro Raul Ventura [v.g. Carlos A. Moreira Azevedo, «Perfil Biográfico de D. Sebastião Soares de Resende», in *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 6 (1994), págs. 398–409; José Adelino Maltez, *Tradição e Revolução, Uma biografia do Portugal Político do século XIX ao XXI*, vol. II (1910–2005), Lisboa, Tribuna da História, pág. 500 e *Do Império por Cumprir*, vol. II, *Portugal e o regresso ao d'aquém (1926–1976)*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas/Universidade de Lisboa, 2016, pág. 176], observando que na sua pastoral de 1 de Dezembro, «Moçambique na Encruzilhada», o bispo da Beira «coloca, inequivocamente, o problema da independência».

(7) *Idem*. Casais Monteiro referir-se-ia ao «despertar da Igreja em Portugal», como pode ler-se em *O País do Absurdo, Textos Políticos*, Prefácio de Carlos

Inconformado com a proclamação do contra-almirante Américo Thomaz como novo presidente, o general Humberto Delgado reagiu<sup>(8)</sup>, colocando em marcha a organização do Movimento Nacional Independente<sup>(9)</sup>, tendo optado a comissão política do comité central do Partido Comunista por se envolver na criação de uma estrutura clandestina, a Junta Nacional de Libertação, de propósitos frentistas, que se encarregou também da denúncia das irregularidades eleitorais<sup>(10)</sup>.

Num apontamento diarístico, de 3 de Junho desse ano, o escritor Joaquim Paço d’Arcos registara:

Recebi no dia 1 [de Junho de 1958] a lista da União Nacional, que aliás não tenciono utilizar. Todavia, as listas do candidato Humberto Delgado só lhe serão entregues, pela mesma Tipografia que imprimiu as da União Nacional, à meia-noite do dia 6, pouco mais de 24 horas antes do acto eleitoral. Para quê a farsa destas eleições?<sup>(11)</sup>

Na edição do *Jornal de Notícias*, do Rio de Janeiro, de 27 de Novembro seguinte, o escritor e jornalista Rubem Braga<sup>(12)</sup> falava em «vingança» de Salazar a respeito das detenções de António Sérgio, Mário de Azevedo Gomes, Francisco Vieira de Almeida e Jaime Cortesão<sup>(13)</sup>,

---

Leone, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, págs. 49–52. Esta obra póstuma de Casais Monteiro teve uma primeira edição, de 1974, da responsabilidade de João Paulo Monteiro. A 1 de Março de 1959 um grupo de católicos tornaria pública uma carta aberta ao presidente do Conselho, centrada, sobretudo, na denúncia da repressão policial, assinada, entre outros, pelos padres Abel Varzim e João Perestrelo de Vasconcelos, além de Francisco Lino Neto, Manuel Serra, Francisco Sousa Tavares, João Bénard da Costa, Vitor Wengorovius, Gonçalo Ribeiro Telles, Sophia de Mello Breyner Andresen e José Escada.

<sup>(8)</sup> Humberto Delgado, *Memórias*, Tradução do inglês por Ricardo Madeira Romão, Compasso do Tempo 18, Lisboa, Edições Delfos, s/d, págs. 193–211 e 213–227.

<sup>(9)</sup> *Idem*, págs. 229–233

<sup>(10)</sup> Susana Martins, *Exilados Portugueses em Argel, A FPLN das origens à ruptura com Humberto Delgado*, Porto, Edições Afrontamento, 2018, págs. 17–18.

<sup>(11)</sup> Joaquim Paço d’Arcos, *Correspondência e textos dispersos 1942–1979*, selecção, organização e notas de João Filipe Paço d’Arcos e Maria do Carmo Paço d’Arcos, Lisboa, Dom Quixote, 2008, pág. 158.

<sup>(12)</sup> Sobre Rubem Braga, António Cândido/José Aderaldo Castello, *Presença da Literatura Brasileira, III. Modernismo*, 5.ª edição, São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1975, págs. 352–365.

<sup>(13)</sup> Este último com particulares ligações ao Brasil; a respeito, v.g. Nuno Simões, *Jaime Cortesão e o Brasil, Conferência proferida em sessão de homenagem a Jaime Cortesão promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores*